

Uma língua indígena de sinais brasileira

Priscilla Alyne Sumaio Soares*

ORCID iD 0000-0003-0184-1744

Cristina Martins Fargetti**

ORCID iD 0000-0001-8999-8601

Resumo: A linguística é uma ciência que estuda o funcionamento da linguagem, o funcionamento das línguas. A maior parte dos estudos linguísticos até hoje foi feita sobre línguas orais, entretanto, a partir de 1960 as línguas de sinais urbanas passaram a ser estudadas, e, mais recentemente, as línguas indígenas de sinais. No Brasil, a língua de sinais mais conhecida e utilizada é a LIBRAS, sigla para Língua Brasileira de Sinais. Entretanto, após trabalho de pós-graduação de Priscilla Soares (SUMAIO, 2014; SOARES, 2018) com os terena de uma terra indígena chamada Cachoeirinha, próxima de Miranda – MS, sabemos hoje da existência da língua terena de sinais (LTS). Os sinais usados por estes surdos terena e alguns ouvintes da comunidade fazem parte de uma estrutura linguística, com gramática própria, com toda possibilidade de interação/comunicação, de criação de novas palavras a partir de processos próprios e de expressão de qualquer pensamento, como qualquer língua humana. Esse trabalho inédito pode ajudar a combater preconceitos contra surdos, indígenas, surdos indígenas, e também pode dar subsídios para que os surdos terena tenham acesso a intérpretes, a professores preparados para ensiná-los, a dicionários e a materiais didáticos voltados para eles, uma vez que aponta a existência de sua língua.

Palavras-Chave: Língua; Língua de sinais; Indígenas; Cultura.

A brazilian indigenous sign language

Abstract: Linguistics is a science that studies the functioning of language, the functioning of languages. Most linguistic studies to date have been done on oral languages, however, since 1960, urban sign languages have been studied, and, more recently, indigenous sign languages. In Brazil, the most known and used sign language is LIBRAS, which stands for Brazilian Sign Language. However, after the postgraduate studies of Priscilla Soares (SUMAIO, 2014; SOARES, 2018) with the Terena of an indigenous land called Cachoeirinha, near Miranda - MS, we now know about the existence of the Terena Sign Language (LTS). The signs used by these Terena deaf people and some community listeners are part of a linguistic structure, with their own grammar, with every possibility of interaction / communication, the creation of new words based on their own processes and the expression of any thought, like any other human language. This unprecedented work can help to combat prejudices against deaf, indigenous, indigenous deaf people, and can also provide subsidies for terena deaf people to have access to interpreters, teachers prepared to teach them, dictionaries and teaching materials aimed at them, a time it points out the existence of their language.

Keywords: Language; Sign language; Indigenous people; Culture.

A linguística é uma ciência que estuda o funcionamento da linguagem, o funcionamento das línguas. A maior parte dos estudos linguísticos foi feita sobre línguas

* é Mestra e Doutora em Linguística pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, pesquisa sobre as línguas de sinais nas comunidades indígenas, em especial a língua terena de sinais, e é membro do LINBRA, Colégio Rio Branco, Unidade Hiegienópolis, São Paulo- Brasil. Email: pri_sumaio@hotmail.com

** é Doutora e Livre Docente em Linguística, professora da UNESP, estuda a língua Juruna do Xingu e é líder do Grupo de Pesquisas LINBRA-Línguas Indígenas Brasileiras/ CNPq, Email: cmfarget@gmail.com

orais, que se manifestam pelo aparelho fonador e são recebidas pelos ouvidos, e por isso são chamadas também de orais-auditivas. Entretanto, recentemente, com a comprovação científica de que línguas de sinais são, de fato, línguas e não mímica, pesquisas sobre estas tiveram início (aproximadamente na década de 1980, após o médico e linguista Stokoe publicar um estudo sobre os parâmetros morfológicos/fonológicos, ou seja, explicando o funcionamento, da ASL, a língua americana de sinais).

Línguas de sinais são línguas produzidas não só pelas mãos, mas também pelo movimento de músculos faciais (movimentação de olhos, sobrancelhas e boca, por exemplo), de braços e ocasionalmente, de outros músculos. Assim, sua recepção se dá pela visão (exceto no caso de surdo-cegueira), e essas línguas são chamadas de visogestuais ou viso-espaciais, por se produzirem num espaço determinado. Não são todas iguais, variam muito no mundo todo, embora algumas possam ter semelhanças devido, entre outros fatores, a uma origem comum. Ou seja, mundialmente, se os sons não são iguais entre as línguas orais, os sinais também não são iguais entre as línguas de sinais. E mesmo em cada uma dessas línguas de sinais há variação (variedades, variantes e dialetos).

A diversidade linguística no Brasil e no restante do mundo está longe de ser conhecida na sua totalidade. Não temos estudos sobre línguas minorizadas e minoritárias em quantidade tal que possamos saber sua tipologia, sua estrutura e sua filiação genética. A pesquisa sobre tais línguas reveste-se de grande urgência, dada a sua situação de uso, em muitos casos limitado a poucos falantes idosos. Se as línguas orais encontram-se desconhecidas, que podemos dizer sobre as línguas de sinais? Minorizadas entre as minorizadas, carecem de estudos de sua estrutura; carecem de gramáticas, dicionários e mesmo de formas de escrita.

No Brasil, a língua de sinais mais conhecida e utilizada é a LIBRAS, sigla para Língua Brasileira de Sinais. Entretanto, é sabido que possui variações de acordo com a região em que é falada e que, inclusive, há outras línguas de sinais no país, pouco conhecidas, as línguas indígenas de sinais. Em 1960, tivemos a notícia da existência da língua kaapor de sinais por meio de um artigo de Kakumasu, um missionário e linguista, descrevendo alguns parâmetros desta língua, surgida entre os próprios indígenas kaapor após o nascimento de toda uma geração surda, devido ao surto de uma doença neonatal. Apesar de ser tida como a única língua de sinais indígena conhecida no Brasil, notícias de sinais entre indígenas surdos começaram a aparecer e questiona-se se constituiriam línguas diferentes.

Após trabalho de pós-graduação de Priscilla Soares com os terena de Cachoeirinha, sabemos hoje da existência da língua terena de sinais. O povo terena é um povo indígena do Brasil que habita algumas regiões do estado do Mato Grosso do Sul e também do estado de São Paulo, mas a pesquisa de Priscilla Soares foi feita com surdos e ouvintes terena do Mato Grosso do Sul, da região de uma terra indígena chamada Cachoeirinha, próxima de Miranda – MS.

Em 2010, a linguista Denise Silva nos apontou que existiam muitos surdos entre os terena de Mato Grosso do Sul, e que esses surdos estavam usando sinais para se comunicar entre eles e também com uma parte dos ouvintes da comunidade. Isso gerou uma grande curiosidade. Queríamos saber se esses “sinais” que eles estavam usando eram apenas sinais caseiros, ou seja, sinais usados em uma casa somente, em uma família, sinais mais básicos, para falar de coisas do dia a dia, por exemplo fome, sede, perigo, dor, coisas mais imediatas, emergenciais.

Ou ainda se eram variações de sinais da LIBRAS, constituindo então parte de uma variedade local dessa língua, usada por surdos de centros urbanos (nas cidades), por indígenas e não-indígenas. Ou se constituiriam mesmo uma língua distinta, com toda possibilidade de interação que uma língua humana pode ter. Seria utilizada pela comunidade ou só por famílias de surdos? Afinal, assim como os kaapor, os terena também apresentariam uma língua de sinais? Sabemos que os terena convivem já há muito tempo com os brancos (não-indígenas).

Muitos deles vão estudar e/ou trabalhar na cidade, então havia a possibilidade de alguns terena terem aprendido LIBRAS e levado essa língua para dentro das aldeias. Enfim, essa era nossa curiosidade e o objetivo da pesquisa: descobrir se esses sinais constituem uma língua nativa (uma língua terena de sinais) ou se não constituem uma língua distinta (sendo apenas sinais caseiros ou variedade geográfica local da LIBRAS).

Para alcançar esse objetivo, foram feitos trabalhos de campo entre os terena, com viagens a sua aldeia Cachoeirinha para conhecer os terena surdos e aprender com eles. Foi preciso bastante preparo para isso, saber tudo o que for possível sobre o povo, ler tudo o que está disponível sobre ele: a história, os costumes, as pinturas corporais, a culinária, músicas, danças, rituais, enfim, os trabalhos preexistentes. Também, neste caso, de trabalho com índios surdos, foi necessário ler sobre línguas indígenas em geral, sobre surdos, línguas de sinais em geral, visão de mundo do surdo, educação de surdos e outros. Priscilla Soares fez contato com uma família com filhos surdos, que a recebeu, que a acolheu como parente. Conheceu pessoas da comunidade, lideranças e

Priscilla Alyne Sumaio Soares, Cristina Martins Fargetti, Uma língua indígena....

professores, fotografou e filmou os sinais, e depois os analisou para entender como eles são formados, como se juntam para formar frases, textos, histórias, etc.

Após o estudo dos sinais, sua comparação com LIBRAS, foi constatado que de fato constituem uma língua, que hoje chamamos de língua terena de sinais. Assim, estes sinais fazem parte de uma estrutura linguística, com gramática própria, com toda possibilidade de interação/comunicação, de criação de novas palavras a partir de processos próprios e de expressão de qualquer pensamento, como toda língua humana.

A pesquisa de doutorado de Soares (SOARES, 2018) constituiu a primeira tese sobre uma língua indígena de sinais brasileira, e, além de seu ineditismo e contribuição metodológica (mostrando como fazer a pesquisa), apontou a importância de estudo de uma língua de sinais, pertencente a um povo e a uma cultura pouco conhecidos. Esse trabalho pode ajudar a combater preconceitos contra surdos, indígenas, surdos indígenas, e também pode dar subsídios para que os surdos terena tenham acesso a intérpretes, a professores preparados para ensiná-los, a dicionários e a materiais didáticos voltados para eles, uma vez que aponta a existência de sua língua, e, portanto, os direitos linguísticos que seu povo pode ter. A seguir, apresentamos algumas fotos da cultura indígena:

Foto 1: Ceramista da aldeia Cachoeirinha



Fonte: Arquivo pessoal

Priscilla Alyne Sumaio Soares, Cristina Martins Fargetti, Uma língua indígena....

Ceramista da aldeia Cachoeirinha mostrando seus potes de cerâmica (Foto: Rodrigues, 2016). A cerâmica é atividade feminina tradicional do povo terena, e pode ser feita com argila vermelha ou preta. O processo de produção é complexo, com várias etapas. Os potes que, a princípio, eram apenas utilitários, passaram recentemente a ser comercializados para turistas não-indígenas.

Foto 2: Pintura e acabamento



Fonte: Arquivo pessoal

Ondina observa cerâmica que representa animais da região do Pantanal (onde está localizada a Terra Indígena Cachoeirinha) à venda no Centro de Referência da Cultura Terena (Foto: Rodrigues, 2016). Esse Centro de Referência comercializa colares, pulseiras, cerâmicas e outros objetos da cultura material terena na cidade de Miranda/MS.

Foto 3: Tucano em mamoeiro na aldeia Cachoeirinha



Foto: Rodrigues (2016)

O Pantanal, com sua rica biodiversidade, abriga cerca de 650 espécies de aves. Uma das principais é o tucano.

Foto 4: Açude da aldeia Cachoeirinha, onde os terena costumam nadar e pescar



Foto: Rodrigues (2016)

As fotos a seguir representam a palavra MANDIOCA em língua terena de sinais, língua estudada por Soares (SUMAIO, 2014; SOARES, 2018). Esse sinal, assim como vários outros da língua, apresenta os três parâmetros principais (configuração de mão, locação e movimento), diferentes do mesmo sinal (MANDIOCA) usado na variedade local da LIBRAS.

Foto 5: Sinal MANDIOCA, parte I



Foto: Silva (2012)

Foto 6: Sinal MANDIOCA, parte II



Fonte: Silva (2012)

Referências

KAKUMASU, J. Y. Urubu-Kaapor Sign Language. In: Linguistic workshop of the Summer Institute of Linguistics of the University of Oklahoma. **Summer Institute of Linguistics**, Oklahoma, 1968. Disponível em:

http://www.biolingagem.com/ling_cog_cult/kakumasu_1968_urubukaapor_signlanguage.pdf Acesso em: 02 abr. 2021.

STOKOE, W. **Sign and Culture:** a reader for students of american sign language. Listok Press, Silver Spring, MD, 1960.

SUMAIO, P. A. **Sinalizando com os Terena:** um estudo do uso da libras e de sinais nativos por indígenas surdos. 123f., 2014, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, UNESP, 2014.

Priscilla Alyne Sumaio Soares, Cristina Martins Fargetti, Uma língua indígena....

SOARES, P. A. S. **Língua Terena De Sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terena da Terra Indígena Cachoeirinha**. 107 folhas, 2018, Tese de Doutorado, Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa, Programa de Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara (SP), 2018.

Recebido em:11/02/2021

Aceito em: 20/04/2021

Para citar este texto (ABNT): SOARES, Priscilla Alyne Sumaio; FARGETTI, Cristina Martins. Uma língua indígena de sinais brasileira. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 1, p.318-326, jan./jun. 2021.

Para citar este texto (APA): Soares, Priscilla Alyne Sumaio; Fargetti, Cristina Martins (2021, jan./jun.). Uma língua indígena de sinais brasileira. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1(1): 318-326.

